

I

Era um prédio de rua principal, uma fachada de três andares agora iluminada como um pacote na noite e traduzindo, através das janelas altíssimas, de estores igualmente corridos a meia altura, esse calor festivo, essa euforia um tanto macabra das noites tradicionais, sejam elas de aniversário, de Natal ou de Ano Bom. Era precisamente noite de Ano Novo. Via-se, de fora, o lustre da sala de receber do primeiro andar, com as suas doze velas escorrendo uma cera fingida e projetando uma claridade mole, sem aquela efusão persistente que havia, por exemplo, na luz de gás, sobre os dois grandes retratos a par, na parede do fundo. A era da fotografia estava então no apogeu, havia por cima das mesas de pé-de-galo ou dos bufetes carunchentos e repassados com óleo de linhaça, dos lares burgueses, esses álbuns de marroquim cor de pulga ou de couro entranhado de suor, cheios com as obras-primas dos retratistas da Casa Real; crianças de pé sobre escabelos franjados, adolescentes cujos colarinhos duros e cabelos repartidos ao meio lhes davam um ar de *clown* em traje civil, cavalheiros da *bela época* com compridos bigodes encerados, todos Museu Grévin e adoradores de Yvette Guilbert. Naquela sala cujo papel de parede simulava brocado amarelo, os dois retratos pareciam desligados de todo o ambiente, dos sofazinhos Luís XV, cujos floreios de madeira partidos tinham sido ligados com uma cola negra e que, regurgitando e secando, ficara com um relevo precioso, de ébano. Pela força da sua expressão, contida, fria e como que palpitando para lá da imagem que se surpreendia quase banal, naquela composição de claro-escuro, eles criavam uma zona privilegiada e defesa; e, mesmo numa sala despojada, saqueada e onde a calíça ruísse deixando um rasto fumoso como a

vaporizada nuvem das cataratas, aqueles dois retratos, cada um deles — porque de nenhum modo pareciam intercomunicar, eram antes solitários e tranquilos na sua presença comunicativa apenas com o exterior e sem aliança —, exprimiam essa coerência magnífica que até nas paisagens de maior desolação e luto pode subsistir. Eram marido e mulher. Ela, Petronila, era de origem castelhana, do fundo duma província seca, mondana, cinzenta, essa província descampada, feita por um ressoar de clarins de batalhas e anunciações e sobre cujas estradas um turbilhão de pó sempre rola, fantasmal e ligeiro, como que provocado pela passagem de cortejos e de hordas, de rebanhos, cuja alma a eternidade absorveu. Naquela moldura adornada com pequenas folhas de hera prateadas, ela não parecia favorecida, porque era de facto uma mulher muito bela; nela, um gesto, um sorriso logo apagado como uma luz que perpassa através duma leve cortina, podiam ser um deslumbramento. A sua voz tocava de repente a alma, como um testemunho de veemência, de estranha fidelidade; amava-se de chofre essa mulher, às vezes depois de muito tempo ter com ela convivido sem quase ter advertido nela mais do que virtudes exactas e um tanto insípidas. Tinha um olhar fino, parado e que traduzia possivelmente o seu supremo encanto, uma ausência interessada, o que Éluard chamou «uma fraternidade solitária». Na altura do retrato, que é o tempo em que começa este livro, ela tinha quarenta e três anos, estava um tanto pesada, abalada por consecutivos partos, vivia como sempre, muito reduzida à sua costura, a uma atmosfera de cuidados não muito incisivos, não muito fundos e reais em relação ao quotidiano e ao mundo dos filhos. A espécie de tirania sentimental que era sua característica, e que exercia à sua volta com uma inocente e desleixada ironia de coração, era mais do que nunca absorvente. Toda a casa — era a sua presença; emanava dela uma generosidade indolente que fazia que, desde a entrada, todos a procurassem e, logo que notavam a velha caixa de costura aberta sobre a mesa da braseira com sações de baeta escarlata, exprimissem como que uma gratidão estuante e quase próxima das lágrimas. As próprias filhas não eram mais do que participantes da sua personalidade; dir-se-ia que as gerara como que por um fenómeno de cissiparidade e que para sempre ficariam irresolutas com um destino de todo desligado da sua origem, e que por sua vez não produziriam mais do que tentativas duma réplica dessa criação primitiva e magnífica que as iluminava. Serviam Petronila com extremosas manifestações, admira-

vam-na muito e sempre se viam mal compensadas por isso. Essa ingratição doía-lhes tanto quanto justificava a elevação do seu amor — porque o amor é de tal forma uma manifestação mítica, que mais o respeitamos quando verificamos não o justificar e compreender. Nos seus corações de infância, na sua alma ávida e romanesca de donzelas, a mãe ficaria sempre como algo de inacessível, vingativo em surdina e deploravelmente amado. Disputavam muitas vezes o favor de provar as suas sopas de chocolate, ou aproximar a cadeirinha de palha, ou sacudir-lhe com uma escova fina o pó-de-arroz das pestanas; ou então, como Petronila gostava de jogar, imolavam-se como vítimas até altas horas, baralhando naipes, tontas de sono e de desinteresse, enquanto na braseira o borralho esfriava e o papagaio dormia derrubado sob a sua asa verde, depois de regougar pela última vez o seu «*Mambrú se fue a la guerra...*» Leocádia, que fora ama da mais nova das raparigas, favorecia o culto pela que chamava ainda «*la señorita*». Era uma mulher geniosa, valente, dura e que gostava de beber; «*Señorita, me voy*» — declarava periodicamente, surgindo com o seu largo avental de riscado cinzento, o seu carrapito atado com um nastro, os olhos fuzilantes despedindo culpas contra os outros criados, a quem torturava com exigências, intrigas, malevolências. Estava embriagada, e Petronila, sem mesmo deixar de contar os fios com a ponta da agulha na sua costura, mandava-a sair. Ela então chorava, agarrava nos seus braços Paloma, que era a mais nova, a sua predilecta, ia sentar-se nos degraus do caramanchão, no fundo do quintal onde grandes guias de roseiras selvagens arrastavam sobre os coradouros; dizia-lhe que ia deixá-la, que ia partir, que na terra se dedicava ao comércio, abrindo uma tenda com portais carmesim.

— Que vendes na tua tenda?

— *Fréjoles y patatas, mi vida.*

E Paloma crispava-se, um pouco de desprezo por aquela mulher lacrimosa, ventruda, que se assoava desoladamente aos velhos lenços do patrão e que ia, com as suas botinas negras cheias de tombas, palmitar o caminho simbólico de todos os fugitivos, de todos os peregrinos, como os meninos aventureiros de Dickens, como o mísero São Roque do capote recamado de conchas, São Roque com «*su calabaza y su palitroque*» que figurava nas histórias para dormir. E a ideia de que ia perder essa furibunda e amorosa Lea que à noite lhe escondia sob o travesseiro pequenos nacos de *mazapán* ou pastilhas de café

provocava-lhe uma dor inconsolável e desgarrada; chorava, sacudindo-lhe do pescoço a golinha de lã que tinha um debrum pregueado às vezes feito de restos de gaze das *écharpes* de viagem, pedia-lhe que não partisse, com um clamor de birra e de ódio.

— *Mi reina! Ay, mi reina!* — E Lea estreitava a criança, comovida, sufocada, jubilosa, retardando a promessa, a rendição, para prolongar o fervor daquela mágoa, para sentir tão próximo da sua vontade aquela pequena alma aterrorizada pelo abandono. Distraía-a então — ela sabia que não a distraía, mas antes firmava a sugestão da sua ausência — com o relatório do seu testamento, dizia que lhe deixaria a sua gargantilha, os seus brincos de *teja*, os inúmeros rolos de meias listradas de vermelho, luxo folclórico que cedia para as transfigurações histriónicas de Carnaval. Os espessos saiotes encarnados que tinham envolvido as crianças quando tiveram sarampo, os xailes de catorze pontas, a mantilha de blonda negra, também os deixaria: a Catarina, que era uma rapariga prática e sempre sabia prever a utilidade dalguma coisa obsoleta, a Felisa, que era brilhante e *maja* e gostava de representar, diante dos espelhos, histórias de heroínas de olhos flamejantes... Paloma protestava, esfregando a face contra o seu ombro, e aquela luta, aquele moer de argumentos acabava por fatigar; adormecia no regaço de Lea, ela lançava-lhe a ponta do avental sobre as pernas, punha-se a arrulá-la cantando pequenas ladainhas, versos *del coco*, romances plangentes de cego em que havia bandidos amorosos e herdeiras que fugiam ao encontro do seu galã. O vento do mar dissipava-lhe aquela disposição assanhada e lacrimosa de bêbada, ficava calma, contando com espírito de usura os figos ainda verdes da figueira, e pensava então com uma precisão corajosa na sua terra. Ela vivia na permanente saudade da sua província, dos seus parentes que outrora, vindos dum remoto povoado, se aboletavam, calados, solenes como rochas; moendo lentamente as suas migas, em casa da *señorita* — essa casa onde Petronila vivera muitos anos de casada e que ficava numa ruazinha morta, defronte duma loja de pasteleiro onde se fabricavam aqueles bolos festivos, templos de Nínive, torres de Babilónia com missanga bordando-lhes as balaustradas. O pregão do *arope*, a voz do sereno abrindo clareiras no silêncio das noites de Inverno, quando, apoiando os pés na gaiola de cobre sobre a braseira, se contavam histórias terríficas dos carlistas ou de freiras emparedadas, ou de bruxas que, ao clarão da Lua, se besuntam com pez, enquanto os

gatos negros miam displicentemente ondulando pela beira dos telhados... Supunha-se o bafo azul dos que passavam na rua, coalhava-se a nevada no céu estacado, mudo; o chocolate abria à superfície fendas se as chávenas se agitavam, e o seu perfume tocava todos os poros e ficava nos cabelos com a aderência rançosa da manteiga quente. Lea, junto do fogão, fazia *calceta*, levantando-se às vezes para retirar do lume uma cafeteira que fervia, abrir a porta ao cão que arranhava a madeira com a pata; havia sempre na cozinha um daqueles seus conterrâneos, de intrincado parentesco, e que vinham de passagem para uma *feria* ou pedir favores ao *señorito*.

Era Alberto Cales, o marido de Petronila. Oriundo do Douro, fora morgado numa casa abastada que herdara muito cedo e delapidara depressa; a mãe guardara-lhe o rancor dessa prodigalidade de que em nada favorecera, houvera mesmo uma espécie de exultação na maneira como o saudara pobre e desavindo com o mundo. Era uma mulher ambiciosa, acobardada pela circunstância de ser igualmente preconceituosa, fria, presumida, um coração sôfrego mas sem vontade. A ideia de sustentar um filho endividado e desprevenido de aptidões fazia-a proferir sentenças estranhas, como quando lhe dissera, encarando-o com o seu olhar cheio dessa insolência que dá a autoridade dos mesquinhos: «Em cada desgraça, renascemos noutra criatura; experimente outra vez, senhor, olhe que só a felicidade é que não nos dá oportunidade.» Alberto Cales experimentou muitas vezes, incansavelmente; a cada fracasso, prevalecia esse impulso frio, claro, como que amoral, era com alma de noviço que recomeçava, nunca conservava por muito tempo a memória das suas derrotas. Vinicultor, comissionista, condutor de obras, errando numa a outra província, acompanhando brigadas pelas Colónias, dormindo nas tendas à beira dos novos *rails*, abandonando a turba de engenheiros e capatazes para seguir uma sugestão de fortuna, instalando agora uma moagem, depois uma fábrica de licores, regressando a África, passando de Espanha para a sua velha mansão reconquistada, com a sua tribo de crianças promissoras ou condenadas, com a sua alma de Sir Galaad, uma alma virgem como a de todos os heróis, vivera descobrindo constantemente a nova e perene criatura, a criatura invencível e inincinerável que há no ser humano. Esse Alberto Cales, belo, funesto — porque não mitológico, com a sua barba leve e riçada, os seus olhos profundos, as suas mãos em que cada dedo possui uma expressão consciente e única e irrevogável? —, vamos encontrá-lo